

## **DIPLOMAÇÃO DOS NOVOS MEMBROS DA ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS EM 2023**

**DATA : 10 DE MAIO DE 2022**

**LOCAL: ESCOLA NAVAL**

**Discurso do Presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Acadêmico Ricardo Magnus Osório Galvão**

A combinação da Reunião Magna da ABC com a cerimônia de premiações e homenagens que representam o mais alto reconhecimento do CNPq a pesquisadores e pesquisadoras do País torna esta noite uma celebração não só para o CNPq, mas de toda a ciência brasileira.

Isso porque reunimos, aqui, cientistas e instituições que tem cumprido um papel imprescindível para o país ao dedicarem seu trabalho, seus esforços e seu tempo a um dos mais sólidos pilares de desenvolvimento social, econômico e ambiental, que é o conhecimento científico.

E não podemos deixar de mencionar o que representa estarmos aqui hoje, depois de um processo, nos últimos anos, de narrativas intencionalmente equivocadas para desqualificar a ciência e a comunidade científica e promover o descrédito na população brasileira sobre o que é produzido nas universidades e nas instituições de pesquisa do nosso país.

É com esse sentimento de resistência e reconstrução que hoje homenageamos alguns desses grandes nomes com as Menções Especiais de Agradecimentos e os títulos de Pesquisador Emérito. Essas são homenagens que o CNPq faz em agradecimento e reconhecimento da atuação dessas pessoas e instituições para que mantenhamos a excelência da nossa pesquisa e aprimoremos nossa capacidade de contribuir para o desenvolvimento do país.

Além disso, entregamos o mais importante prêmio da ciência brasileira, o Prêmio Almirante Álvaro Alberto, em sua 35ª edição, que conta com a honrosa parceria com a Marinha. Não por acaso esse prêmio leva o nome daquele que concebeu e fundou o CNPq, sendo seu primeiro presidente, sendo visionário ao conceber a ideia da criação de uma estrutura central de fomento à ciência.

E entregar esse prestigiado prêmio a alguém como o Professor Cesar Victora é, sem dúvida, uma escolha muito acertada do Conselho Deliberativo do CNPq, não só pela excelência da sua

pesquisa, mas pelo que representa a temática dos seus estudos. Saúde coletiva, em particular voltada para a saúde da criança, é um tema urgente para o país. E a forma mais eficaz de encontrar as melhores soluções e desenvolver as melhores práticas para um problema é abordá-lo a partir do conhecimento gerado por pesquisas científicas. Assim, Victora tem dado contribuições imprescindíveis para o desenvolvimento social do país, por isso, tenho muita satisfação em poder, hoje, fazer esse merecido reconhecimento ao seu trabalho em nome do CNPq.

E para que possamos oferecer essas importantes homenagens, não posso deixar de mencionar a equipe do CNPq envolvida com essas premiações: o Serviço de Prêmios, e toda a Diretoria de Cooperação Institucional ao qual ele está vinculado, e a Coordenação de Comunicação Social, que tornam esse evento possível. Além, claro, dos nossos parceiros nesta cerimônia. O MCTI, a Marinha, a Fundação Conrado Wessel e a ABC.

Nesta noite de celebração da ciência brasileira, como já falei, não posso deixar de lembrar as conquistas que já obtivemos nesses primeiros meses do atual Governo. O reajuste dos valores das bolsas do CNPq e da CAPES, que vai de 25% a 200%, depois de uma década sem aumento, foi, sem dúvida, uma demonstração rápida do Presidente Lula de que vivemos novos tempos, de valorização dos nossos pesquisadores e das nossas pesquisadoras, de incentivo à formação de novos cientistas e de reconhecimento da importância da ciência.

Além disso, pudemos acrescentar 4.500 novas bolsas às cerca de 80 mil bolsas que o CNPq concede anualmente.

É verdade que ainda precisamos fazer mais. Estender o reajuste às outras modalidades ainda não contempladas, expandir a concessão de bolsas e, principalmente, recuperar o orçamento para o investimento em projetos de pesquisa, que caiu significativamente nos últimos anos.

O CNPq é responsável por iniciativas e programas estratégicos para o desenvolvimento do país, que garantem nosso protagonismo internacional em diversas áreas do conhecimento, além da soberania do país e sabemos que podemos fazer muito mais, com recursos adequados.

Precisamos, também, intensificar nossa atuação na promoção da pluralidade da ciência, promovendo mais ações de combate às desigualdades de gênero e raça que, infelizmente, ainda existem no ambiente científico.

Temos, também, o desafio de construir um cenário mais favorável à permanência dos jovens cientistas no país, combatendo a chamada fuga de cérebros, com amplas oportunidades, melhores estruturas e boa remuneração.

Para isso, é fundamental a atuação do poder público por meio das agências de fomento com orçamentos robustos e estrutura fortalecida. E precisamos inverter a lógica de que é preciso um país rico para termos recursos para investir na ciência e compreender que a riqueza de um país é resultado, em grande parte, do investimento em ciência.

Essa riqueza está representada aqui, em cada um dos pesquisadores e pesquisadoras hoje homenageados.

Parabéns a vocês, parabéns à ciência brasileira!

**Discurso do Diretor-Geral de Desenvolvimento Nuclear e Tecnológico da Marinha do Brasil, Almirante-de-Esquadra, Petrônio Augusto Siqueira de Aguiar**

Muito boa noite! Inicialmente gostaria de expressar simultaneamente a honra e a satisfação em participar, mais uma vez, da entrega do Prêmio Almirante Álvaro Alberto para a Ciência e Tecnologia; da Diplomação dos novos membros Academia Brasileira de Ciências; além da concessão de títulos a pesquisadores eméritos; enfim, uma genuína noite de celebração da ciência e tecnologia brasileira.

Portanto, gostaria de cumprimentar as seguintes autoridades:

- Sra. LUCIANA SANTOS – Ministra de Estado da Ciência, Tecnologia e Inovações, em nome de quem cumprimento os ex-Ministros de Ciência e Tecnologia;
- Sra. NÍSIA TRINDADE – Ministra de Estado da Saúde;
- Sra. HELENA NADER – Presidente da Academia Brasileira de Ciências;
- Sr. RICARDO GALVÃO – Presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em nome de quem cumprimento os distinguidos membros das Instituições de Pesquisa e da Academia;
- Sr. Almirante de Esquadra ILQUES BARBOSA JUNIOR – Ex-Comandante da Marinha, incentivador incansável da CT&I na Marinha, em nome de quem cumprimento as demais autoridades militares presentes;
- Sr. CARLOS VOGT – Diretor-Presidente da Fundação Conrado Wessel, em nome de quem cumprimento as respeitáveis Fundações aqui presentes;
- Senhoras e Senhores.

Julgo pertinente ressaltar o êxito e a solidez da nossa parceria com a Academia Brasileira de Ciências (ABC); o Ministério da Ciência Tecnologia e Inovações (MCTI); o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); a Fundação Conrado Wessel (FCW); e demais instituições de Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I), aqui representadas, cuja convergência de esforços tornaram possível a realização de tão dignificante Prêmio, que contribui para estimular a instigante e desafiadora atividade de Pesquisa e Desenvolvimento, em favor da independência tecnológica brasileira, movendo-nos em direção ao objetivo comum de termos um Brasil mais próspero, justo e seguro, para as gerações futuras.

A presente solenidade requer, também, por um preito de justiça, reverenciar a trajetória profissional do Almirante Álvaro Alberto e sua invulgar importância para a Ciência e Tecnologia da Marinha e, por conseguinte, do Brasil. O ensejo é, portanto, enaltecer a singular contribuição para nossas Instituições. Amálgama de Marinheiro, Pensador e Cientista, nunca será exagero registrar sua participação como Presidente da Sociedade Brasileira de Química e como Presidente da Academia Brasileira de Ciências, além da criação do CNPq; a atuação como membro fundador da Comissão de Energia Atômica do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU), destacando-se por sua postura pioneira e visionária na defesa do domínio pacífico da energia nuclear, deixando-nos o usufruto de uma das mais expressivas iniciativas de Estado: o “Programa Nuclear Brasileiro”, no qual a MB se insere com parcela significativa de desenvolvimento tecnológico autóctone, por meio de seus projetos e, sobretudo, na formação de conhecimento.

Ancorado nesses pressupostos que apresento o reconhecimento da Marinha do Brasil ao Laureado com a 35ª edição do Prêmio “Almirante Álvaro Alberto para Ciência e Tecnologia”, na área de Ciências da Vida, o Epidemiologista e Professor Dr. CESAR GOMES VICTORA, reconhecido como um dos líderes mundiais em saúde e nutrição materno-infantil e um dos mais proeminentes pensadores nos campos de desigualdades sociais e avaliação de programas de saúde.

Estou convencido de que a era do conhecimento e da transformação digital consagram o imperativo dos avanços científicos e tecnológicos como condicionantes de prosperidade entre as nações e o bem-estar de suas sociedades. Somente pelo empreendimento de sobejos esforços e verdadeira audácia criadora, em prol desse setor estratégico e pela inserção nos mais evoluídos “ecossistemas de inovação” é que será possível reduzir os hiatos tecnológicos que ainda impõem severas desvantagens à consecução de nossos objetivos nacionais. Dentro

desta perspectiva, sua vasta contribuição científica é inequívoca para oportunizar a inserção do Brasil como protagonista junto ao Concerto das Nações.

Prezado Professor CESAR VICTORA!

Em nome da Marinha do Brasil, apresento-lhe minhas congratulações pela justa homenagem e reconhecimento por seu trabalho de superlativa qualidade técnico-científica e institucional, convidando-o para conhecer a Estação Antártica “Comandante Ferraz”, no Continente Antártico, onde se desenvolvem pesquisas estratégicas para o futuro da humanidade, bem como realizar uma viagem a bordo de um Navio de Assistência-Hospitalar na Amazônia, oportunidade em que certamente poderemos estabelecer novos pactos de apoio e cooperação em interesses científicos e acadêmicos, com o propósito último de prospectar soluções e oferecer benefícios tangíveis para a “Nossa Gente”.

Parabéns Professor CESAR VICTORA! Na boa linguagem marinheira: Bravo Zulu! "Manobra bem executada"!

Nesse contexto, a ocasião é auspiciosa para que congratulemos os novos membros da Academia Brasileira de Ciências ora diplomados, transmitindo meus sinceros e mais fraternos cumprimentos à sua ilustre Presidente, Dra. HELENA NADER, pela vibrante condução desta cerimônia, sustentando este “timão” com contagiante entusiasmo pelo reconhecimento e promoção da CT&I nacional.

Finalmente, meu muito obrigado a todos que emprestam, com suas distintas presenças, um brilho especial e um tom mais dourado a esta solenidade!

#### **Saudação aos Acadêmicos, pelo Acadêmico Diogenes Almeida Campos**

Este ano coube a mim saudar os novos colegas que foram eleitos por seus pares para a nossa Academia. Nossa presidente, Helena Nader, honrou-me com esse convite que recebi com grande alegria, principalmente, por ter a oportunidade de ser o primeiro a interagir formalmente com esse conjunto notável de cientistas, os novos acadêmicos, que poderei chamar, daqui para a frente, de meus colegas.

A posse dos novos membros é o rito de renovação pelo qual a Academia garante a sua perpetuação e é marcada com os atos aqui realizados, incluindo esse momento de saudação, que faço em nome dos demais membros, aos novos que agora nela ingressam.

Em outros tempos, para alguém pertencer a uma agremiação, grupo ou tribo, tinha de submeter-se a provas físicas que exigiam muito esforço, coragem e persistência. Hoje, as coisas são mais fáceis, espera-se somente que os novos membros sejam obrigados a ouvir discursos, como já lembrou muito bem o saudoso Ângelo Machado, em outra ocasião, nessa mesma Academia.

Esse ano, completando 107 anos de criação, a Academia vem cumprindo sua tarefa estatutária de promover a ciência brasileira, servindo de referencial de qualidade, identificando e elegendo para a sua corporação, cientistas de maior destaque do país.

Esse ato de abrigar cientistas não esgota os compromissos que a Academia tem com a Sociedade, pelo contrário aumenta a sua responsabilidade de promover o desenvolvimento da ciência e da tecnologia em nosso país, pois esses dois ingredientes são os propulsores fundamentais para o avanço de uma sociedade moderna, uma verdadeira sociedade do Conhecimento e do Saber, que venha a permitir o progresso econômico, político, cultural e social brasileiro.

Uma grande contribuição que a Academia pode oferecer à sociedade é o estudo dos grandes temas nacionais que exigem um enfoque multidisciplinar, inclusive das ciências sociais, uma vez que contamos com cientistas capacitados nas diferentes disciplinas. Esperamos que os novos acadêmicos venham aliar-se a esse esforço, trazendo ideias criativas e inovadoras, fruto dos novos talentos que, agora, juntam-se a nós. Esses estudos trarão, tenho a certeza disso, objetividade e rigor científico, para assegurar a credibilidade que se espera de nossa Academia.

Meus caros colegas, o país luta ainda com as dificuldades de um considerável atraso econômico e social, que se manifesta sob a forma de grandes disparidades, agravado pela pandemia, tanto no dia a dia das pessoas, como no desenvolvimento regional e nacional. Somente com muito esforço de expansão da educação e da ciência, poderemos enfrentar e superar essas dificuldades, visando a contribuir para um mundo melhor, usando a ciência básica para o desenvolvimento sustentável, como propõe o evento que há pouco interrompemos.

O descaso com a proteção e conservação do meio-ambiente, o avanço ilegal em áreas reservadas aos povos originários, principalmente, através do garimpo, uma forma antiquada, ineficiente, predatória, desumana, porque explora a mão de obra utilizada, um arremedo de uma atividade de mineração, que só serve aos interesses de poucos e promovem o amplo desastre ambiental, a violência física e cultural, o sofrimento e o morticínio por doenças,

envenenamento por mercúrio, ou outras substâncias, das pessoas que vivem na região atingida.

Aproveito também para lembrar o desastre sofrido pela perda do nosso museu maior de História Natural – o Museu Nacional –, e o esforço ingente que está sendo desenvolvido para fazê-lo renascer para o adequado usufruto de seus acervos, ensino, pesquisas e exposições. Não custa lembrar que, com aquele incêndio perdeu-se boa parte dos padrões de referência de nossa flora e de nossa fauna – os tipos. É como se, de repente, boa parte da população brasileira ficasse sem seus documentos de identidade.

Já que falo de museu, seria bom lembrar, puxando, um pouco, a brasa para minha sardinha, mesmo que seja uma sardinha fóssil, da necessidade urgente de revitalização do Museu de Ciências da Terra, onde trabalho há 55 anos, que possui a maior coleção de fósseis do Brasil e uma excelente coleção de minerais, rochas e meteoritos, coletados em quase todos os pontos do território nacional. Os fósseis ajudam a povoar o território brasileiro no passado profundo com exemplares de quase mil milhões de anos e minerais e rochas que ajudam a contar a história da mineração, essa feita de forma científica e técnica, com amostras que são representantes ex situ de toda a Geodiversidade brasileira.

Sejam, assim, bem-vindos os novos acadêmicos, que me permitirei nomeá-los, como tem sido costume no Brasil, numa demonstração de coleguismo e de afeto, de modo muito caloroso, pelo primeiro nome. Sejam bem-vindos os membros titulares Carolina, Celina, Rodrigo, Ana Flávia, Severino, Rômulo, Gustavo Henrique, Ima Célia, Denise, Marta Maria, Rafael, Bernardo, Anete, Francisco de Assis, Segen, Alcida Rita e Sérgio. E mais, Alberto, Béla, Hans, Hernan, Igor, Jitender, Paras e Marcia, que vêm ampliar a fileira de nossos membros correspondentes.

Considero oportuno, neste ano, salientar um aspecto alentador, foram eleitas oito mulheres cientistas num total de 17 acadêmicos titulares, quase a metade, portanto. Número esse que permite pressentir conquistas nas aspirações femininas, pois, infelizmente, reconhecemos que a igualdade de gênero, a livre união, a socialização do trabalho doméstico, a igualdade no local de trabalho e o direito à educação não foram, ainda, conquistados na maioria dos países. Em todo o mundo, milhões de mulheres ainda não controlam seus próprios corpos ou seus próprios destinos. Elas enfrentam escolhas difíceis entre trabalho e família, além de dificuldades materiais que tornam impossível criar seus filhos.

É verdade que, atualmente, as mulheres têm erguido a bandeira dessa luta em novas direções, organizando-se contra a violência sexual e doméstica, a reificação das mulheres e o preconceito contra as pessoas com orientação sexual ou identidade de gênero diversas. O

trabalho assalariado das mulheres, geralmente mal-remuneradas, tornou-se uma necessidade imperiosa para a maioria das famílias, fazendo com que, toda a vez em que se personifica a pobreza, ela tenha cada vez mais um rosto feminino. Todos esses acontecimentos representam novos desafios e exigem novas soluções jurídicas, políticas democráticas e competência científica que devem ser usadas na construção de um futuro melhor.

Muito obrigado!

### **Discurso dos Recém-empossados, pelo Acadêmica Ima Célia Guimarães Vieira**

Gostaria de saudar as Excelentíssimas Ministras de Ciência, Tecnologia e Inovação, Luciana Santos e da Saúde, Nisia Trindade, o presidente do CNPq Dr. Ricardo Galvão e a presidente da Academia Brasileira de Ciências, Dra Helena Nader, em nome dos quais saúdo todas as autoridades presentes nesta cerimônia de diplomação.

Saúdo também, todos os membros da ABC, em especial os novos membros, Carolina, Celina, Rodrigo, Ana Flavia, Severino, Rômulo, Gustavo, Denise, Marta, Rafael, Bernardo, Anete, Francisco de Assis, Segen, Alcida e Sergio e demais membros correspondentes, que como eu, passarão honrosamente a compor esta Casa. E ainda, saúdo colegas pesquisadores, amigos e familiares que prestigiam este evento.

É uma grande honra ter sido escolhida para fazer essa saudação em nome dos novos acadêmicos. E agradeço à nossa presidente, Dra Helena Nader, por terme distinguido com essa incumbência.

Sinto-me honrada em compor na ABC, o time amazônico de cientistas e em especial, estar ao lado de dois grandes especialistas do Museu Paraense Emilio Goeldi, que são: Emilia Snethlage e Marcio Ayres (já falecidos). Figuras ímpares que revolucionaram a ciência na Amazônia e trouxeram grandes contribuições à esta Casa.

Emilia Snethlage foi a primeira mulher a dirigir uma instituição científica na América do Sul e a segunda mulher cientista a entrar na Academia Brasileira de Ciências! Marcio Ayres foi um exemplo na luta pela conservação da biodiversidade e pela inclusão das populações tradicionais nessa agenda. A eles, dedico a minha distinção de membro titular desta Academia e conseqüentemente, a representatividade por minha região.

O arcabouço legal de Ciência, Tecnologia e Inovação brasileiro visa reforçar a capacidade de inovação do país e diminuir as desigualdades regionais, agravadas com a pandemia. Para



conseguir um país com ciência, a educação universal e de qualidade é peça fundamental em uma sociedade verdadeiramente democrática.

Vários outros desafios são também muito importantes para a recuperação da capacidade científica do país, e sabemos do compromisso do atual governo federal com a expansão e consolidação do Sistema Nacional de CT&I. Sendo amazônida, ecóloga e pesquisadora do Museu Paraense Emílio Goeldi - instituição que há quase 157 anos se dedica aos estudos dos sistemas naturais e ocupação humana na Amazônia, entendo que a escolha de meu nome foi influenciada pela importância dessa região para o desenvolvimento brasileiro e como um dos patrimônios naturais e culturais mais valiosos para a humanidade. Diante disso, permito-me apresentar uma breve reflexão sobre a região.

A Amazônia, em mais de 500 anos de história após a chegada dos portugueses, apresenta um cenário predominante de pobreza e desigualdade. Ao longo dos séculos, essa região ganhou novos contornos sociais, políticos, econômicos e culturais, e vem resistindo a um modelo de desenvolvimento predador e alheio às especificidades regionais. A região carece de soluções concretas à altura de sua importância social e estratégica.

E todos os esforços devem ser envidados para que a Amazônia figure como prioridade em um amplo e profundo Plano Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico moldado por uma visão estratégica de futuro. Ainda hoje, esta imensa e diversificada Amazônia é defendida por técnicos e estudiosos que fazem um verdadeiro e corajoso malabarismo entre estudos, projetos, parcerias, investimentos, dados e fatos para que nós, cientistas da região consigamos pesquisar, formar recursos humanos e elaborar documentos capazes de recomendar ações estratégicas para o desenvolvimento regional.

É um patrimônio e capital técnico-científico personificados em mais de 300 campi de instituições públicas de ensino e pesquisa como Embrapa, Universidades Federais e Estaduais, Institutos Federais de Educação, Institutos de Pesquisa do MCTI e do Ministério da Saúde, presentes em 160 municípios amazônicos que precisam de suporte, apoio, infraestrutura, pessoal e incentivo à pesquisa e desenvolvimento.

O mundo clama pela defesa da Amazônia! E já é hora de a vermos como prioridade neste novo momento da ciência brasileira, após os últimos quatro anos de negacionismo e descontinuidade de investimentos!

A Academia Brasileira de Ciências tem o papel fundamental para fazer isso acontecer. Convoco esta Casa para se unir à luta dos amazônidas em defesa da Educação e Ciência na e para a

Amazônia. Como nos lembra o grande poeta amazônida Thiago de Mello: “A Amazônia espera de nós uma atitude respeitosa”.

Sei que as trajetórias dos novos membros da ABC estão associadas a um incessante compartilhar no desempenho dos seus papéis de docentes, pesquisadores e orientadores, em busca de um futuro melhor para todos, de um modelo econômico comprometido com o desenvolvimento científico e tecnológico do Brasil, assim como com a sustentabilidade e o bem estar do povo brasileiro. Em especial, destaco o papel das cientistas mulheres, que se impuseram pela essência do conteúdo que produzem e afirmaram suas presenças na academia, conquistando reconhecimento e prestígio. Os desafios ainda são muitos, mas importantes mudanças já estão em curso.

Reconhecemos que o nosso trabalho científico é produto de ações e esforços de um grande coletivo de profissionais que trabalham em nossos laboratórios e instituições, e que merecem nossa gratidão e reconhecimento. Da mesma forma, agradecemos o suporte às atividades do Sistema Nacional de Ciência e Tecnologia, por meio das FAPs dos estados, CNPq, CAPES e FINEP. O fortalecimento destas agências é fundamental para o progresso da ciência e para a melhoria dos indicadores sociais do Brasil. Agradecemos à Academia Brasileira de Ciências, por sua capacidade de diálogo, e por ser uma interlocutora necessária para avançarmos em projetos nacionais sobre os temas estratégicos para o país.

Um agradecimento especial, em nome de todos os acadêmicos, a nossos familiares, pelo amor, apoio e compreensão da importância da educação e da ciência em nossas vidas. Ao meu irmão Orlando e minhas irmãs Goretti, Ruth, Rosângela e Jena; cunhados, sobrinhos e primos e aos meus filhos Murilo e Tomás, o meu especial obrigada!

Encerrando, gostaria de compartilhar com vocês o poema A MAGIA, do poeta Thiago de Mello que nos homenageia de forma singular.

A MAGIA

Eu venho desse reino generoso,  
onde os homens que nascem dos seus verdes  
continuam cativos esquecidos  
e contudo profundamente irmãos  
das coisas poderosas, permanentes

como as águas, os ventos e a esperança.

Vem ver comigo o rio e as suas leis.

Vem aprender a ciência dos rebojos,

vem escutar os cânticos noturnos

no mágico silêncio do igapó

coberto por estrelas de esmeralda.

Muito obrigada!

E viva a ciência e sua resistência ao negacionismo!

### **Discurso da Presidente da ABC, Acadêmica Helena Bonciani Nader**

Inicialmente gostaria de saudar aos membros da mesa:

Caras e caros colegas acadêmicos recém empossados e seus familiares Senhoras e Senhores

Boa noite a todas e todos Esta reunião acontece graças ao empenho e ao trabalho exaustivo das queridas Acadêmicas Debora Foguel e Maria Vargas, que coordenaram esse evento científico desde a decisão sobre os temas até os palestrantes a serem convidados. Agradeço também às funcionárias e aos funcionários da ABC pelo excelente trabalho realizado em todas as etapas dessa reunião magna. Finalmente, agradeço ao apoio do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, da Fundação Conrado Wessel e da Marinha do Brasil.

Quero saudar de forma especial às 8 acadêmicas e aos 9 acadêmicos das diferentes áreas do conhecimento que foram empossados nesta sessão solene. Estamos orgulhosos de tê-los como parte da ABC e de podermos contar com vocês para continuar a mostrar o valor da ciência na resposta aos desafios da sociedade. Cumprimento também a todos os seus familiares. Saúdo os 8 membros correspondentes da nossa Academia e agradeço a relevante participação e contribuição que têm dedicado à Ciência brasileira.

Finalmente, em nome da Academia Brasileira de Ciências, gostaria de agradecer a presença de todas e todos nessa sessão festiva da Reunião Magna 2023 que tem como tema Ciência Básica para o Desenvolvimento Sustentável, como parte das comemorações do Ano Internacional das

Ciências Básicas para o Desenvolvimento Sustentável, assim definido pela ONU e pela Unesco. A sustentabilidade aqui está sendo entendida não apenas no sentido ambiental, mas em especial nos seus diversos desdobramentos sociais: cultura, educação, saúde, segurança alimentar, inovação, economia.

É impossível ouvir a palavra sustentabilidade, sem lembrar dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, do qual o Brasil foi um grande protagonista, mas que nos últimos 4 anos se afastou buscando inclusive apagar esses compromissos. A Agenda 2030 retorna agora ao Brasil e com muita força e protagonismo nesse cenário global. Os ODS são um apelo para que os países de forma coletiva trabalhem para acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima e garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz e de prosperidade. Só temos mais 7 anos.....

Mas para mim, e acredito que para todos que estão neste belo auditório, 2023 está sendo mesmo um ano cheio de significados, é o ano que trouxe de volta a esperança, a democracia.

Em dezembro do ano passado, fui convidada pela revista Science a escrever um editorial sobre o que aguardava o Brasil nos meses vindouros, intitulado “Science urgencies for Brazil” – (Urgências da ciência para o Brasil). Acredito que tenha sido relativamente bem sucedida nesse exercício de futurologia.

Ponderei, na ocasião, que o novo governo teria pela frente seus maiores desafios – ainda mais complexos do que aqueles que se apresentavam vinte anos atrás. Ressaltei o combate à fome e à pobreza – duas crises que continuam tão prementes quanto naquele momento pós-eleição – como prioridade máxima para o já eleito presidente Lula.

Apontei que no século 21, os países estão se concentrando no desenvolvimento de capacidades para criar conhecimento científico e tecnologias para melhorar o bem-estar social. A ciência e a educação surgem assim como prioridades. Salientei, que era necessário que o nosso presidente eleito recompusesse o orçamento dos setores de educação e CT&I do país. O investimento em ciência e educação é especialmente importante em especial pela população jovem do Brasil, que precisa ser adequadamente educada e receber os tipos de oportunidades que a inovação pode criar.

No entanto, apontei que o novo governo enfrentaria um desafio sem paralelo, uma vez que o orçamento para 2023 apresentado pelo governo Bolsonaro não contemplava os gastos básicos necessários.

Escrevi que as frentes prioritárias deveriam ser trabalhadas ao mesmo tempo em que nos caberia, enquanto nação, restabelecer nosso papel de protagonista da questão ambiental diante do mundo. Mas concluí em tom otimista: diante de tantos e tão complexos desafios, ao menos sabemos se tratar de um governante que havia reiteradamente afirmado seu compromisso com a educação e a ciência.

O Brasil volta à cena internacional e retraça seu caminho de retorno ao protagonismo em questões ambientais diante do mundo. Os direitos humanos começam a voltar ao lugar de onde nunca deveriam ter saído. Mas é tempo também de voltar a cobrar, fiscalizar sem alívio e fazer valer obrigações e compromissos assumidos.

Já tivemos, claro, avanços – pontuais, mas importantes – como o reajuste das bolsas da iniciação científica ao pós-doutorado e a recomposição de recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, mas precisamos de mais. A reindustrialização do país só acontecerá com muita ciência. Todos nós admiramos os livros da grande economista, pesquisadora, Mariana Mazzucatto – um deles o estado empreendedor. Para tomarmos o rumo de um crescimento econômico inteligente, inclusivo e sustentável, os pesquisadores Mariana Mazzucatto e Caetano Penna propõem uma política de inovação orientada por missões, capitaneada pelo Estado e em parceria direta com o setor privado.

Nela, é fundamental que o Estado assuma o papel de tomador de riscos, mantendo-se aberto a experimentações. Nas palavras dos pesquisadores, o objetivo é tornar possível o investimento "em todo o processo de inovação, das pesquisas básicas até o estágio final de financiamentos de empresas", para que se alcance maior impacto no desenvolvimento econômico nacional.

No médio e longo prazo, esse reerguimento da ciência como prioridade de Estado passa por um esforço concentrado para dar às crianças e aos jovens brasileiros uma educação compatível com as demandas do nosso século. A hora de investir em todos os níveis educacionais, da creche à universidade, é agora. De fato, a partir de 2050, a população dita economicamente ativa —com idades entre 25 e 64 anos— estará em declínio, enquanto os maiores de 65 estarão em franca ascensão. Segundo a OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), quase 30% dos brasileiros entre 25 e 34 anos hoje não têm ensino médio. São dados que nos fazem temer pela aposentadoria dessa futura população idosa. Se agora, em sua juventude, não lhes é dado o acesso a uma qualificação profissional para empregos que não se tornem obsoletos nas próximas décadas, será possível manter níveis dignos de vida em seus anos finais? Na reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico Social Sustentável, o Conselhão, na última 5ª feira, aponteí esses dados, insistindo que Ciência

é transversal a todos os ministérios e que sem educação para o século 21 estaremos preparando o país para uma grande crise.

A programação desta Reunião evidencia como a ciência pode contribuir para o desenvolvimento sustentável da nação brasileira. Temos por exemplo uma sessão dedicada à saúde dos povos originários e outra para debater o papel da ciência no combate à fome. Estamos também alertas em relação ao acompanhamento da grave situação dos povos Yanomami, no que diz respeito a seus direitos mais básicos de uma vida segura e livre de ameaças exógenas.

Mas estamos vigilantes em relação a novas ameaças, como a Medida Provisória 1150/22 já aprovada na Câmara, que deixa em suspenso a restauração de mais de 20 milhões de hectares, e ainda permite o desmatamento de florestas até então intactas na Mata Atlântica, na contramão de leis já vigentes de proteção ao bioma.

Histórias de sucesso como da Embraer, Embrapa, Petrobras em águas super profundas, não se repetirão em nosso País, sem a reconstrução da nossa CT&I. Não há país com economia moderna e competitiva que não invista pesado em ciência, tecnologia e inovação. São economias que geram emprego e renda nos patamares mais elevados do planeta. E continuaremos cobrando de muito perto nosso principal pleito enquanto Academia Brasileira de Ciências, tantas vezes reiterado: é urgente elaborar e cumprir uma política de Estado digna deste nome para educação e ciência. Porque é só por meio delas que conseguiremos sair da crise atual e evitar outras futuras. É o que falta para que consigamos avançar verdadeiramente em termos civilizatórios, e não apenas do progresso pelo progresso.

Meu mantra continua a ser: educação e ciência não são gastos mas investimentos. Encerro com uma frase atribuída a Chico Buarque de Holanda: “As pessoas têm medo de mudanças. Eu tenho medo que as coisas nunca mudem!”